



ESTRABÃO E ASPECTOS DA SUA “GEOGRAFIA”

Adélia Aparecida de Souza Haracenko

Docente da Universidade Estadual de Maringá - UEM - Maringá, Paraná, Brasil.

aasharacenko@uem.br

Pedro Alvarez Cruz

Docente da Universidade de Havana - UH - Havana, Cuba.

pealcruz@gmail.com

RESUMO – Este texto tem como objetivo apresentar Estrabão e discutir seus estudos geográficos tendo como preocupação o fato necessário de conhecermos a gênese da Geografia para melhor atuarmos nesta ciência contemporaneamente. Resulta de estudos sobre o autor e sua obra e da importância que ele tem para o desenvolvimento do conhecimento histórico geográfico. Trabalhamos com a metodologia histórica, utilizando o método histórico e lógico, constituído de procedimentos e técnicas utilizados para revelar os fatos do passado e construir a historiografia de um período determinado partindo das fontes escritas. A Geografia, como conhecimento necessário ao desenvolvimento da humanidade, tem uma longa história. Ao longo do tempo, numerosos foram os pensadores que deram atenção especial ao estudo da gênese do conhecimento geográfico, dentre eles, Estrabão, grego culto que nasceu em 63 a.C. em Amasia atual Turquia. Estrabão figura como essencial pelo legado deixado em sua obra “Geografia”. Esta é um compendio da herança geográfica de suas viagens pelo mundo conhecido de sua época, o oikoumene, na qual relaciona o homem com o meio. Testemunho de uma época em transformação, de hegemonia romana que conquistava novos territórios, esse geógrafo ampliou os horizontes geográficos e contribuiu para o desenvolvimento do que se definiu como Geografia.

Palavras-chave: Estrabão; Gênese; Geografia.

ESTRABÓN Y ASPECTOS DE SU “GEOGRAFÍA”

RESUMEN – Este texto tiene como objetivo presentar a Estrabón y discutir sus estudios geográficos con la preocupación de conocer la génesis de la Geografía para poder actuar mejor en esta ciencia en la actualidad. Resulta de estudios sobre el autor y su obra y la importancia que tiene para el desarrollo del conocimiento histórico geográfico. El estudio se basó en una metodología histórica, utilizando el método histórico y lógico, consistente en procedimientos y técnicas utilizadas para revelar hechos del pasado y construir la historiografía de un período determinado a partir de fuentes escritas. La Geografía como conocimiento necesario para el desarrollo de la humanidad tiene una larga historia. Con el tiempo, muchos pensadores prestaron especial atención al estudio de la génesis del conocimiento geográfico, entre ellos Estrabón, un erudito griego que nació en el 63 a.C. en Amasia, hoy Turquía. Estrabón es considerado imprescindible por el legado que dejó en su obra “Geografía”. Se trata de un compendio de la herencia geográfica de sus viajes por el mundo conocido de su época, la oikoumene, en la cual relaciona el hombre con su medio. Testigo de una época en transformación, de hegemonía romana que conquistaba nuevos territorios, este geógrafo amplió horizontes geográficos y contribuyó al desarrollo de lo que se definió como Geografía.

Palabras Claves: Estrabón; Génesis; Geografía.

INTRODUÇÃO

A questão da importância da história do pensamento geográfico em debate.

Este texto é um ensaio, resultante dos estudos realizados no grupo de estudo sobre História do Pensamento Geográfico, ao longo de três anos, quando o grupo esteve dedicado aos estudos da Geografia na Antiguidade. Diante da questão inicial, “Por que estudar a história da Geografia?”, a qual é uma questão da problemática que tem direcionado os estudos do grupo, ele tem um ponto de partida que é a partir dos estudos e das reflexões basilares e estruturais do conhecimento geográfico, pensarmos na práxis de como ensinamos a história da Geografia na atualidade. Com isto, o texto também tem um propósito de cunho didático, que é o de apresentar aos estudantes de Geografia quem foi Estrabão e seu legado para esta ciência ao longo dos milênios. Corroborando com Moreira (2014, p. 162), “[...] a historicização do pensamento geográfico que a básica é o passo no sentido de concebê-las. Significa isso analisar o processo de sua formação e desenvolvimento, o rol de suas questões, teses e conceitos, os princípios de seus fundamentos”.

Portanto, descrever aspectos da vida de Estrabão, mesmo em um caráter de apresentação, mediante as compilações dos estudiosos que tem se dedicado ao estudo deste pensador significa, primeiramente, buscar elementos radicais do conhecimento geográfico, que no horizonte desse mesmo conhecimento conformar-se-ia na ciência geográfica moderna. Segundo, trazer à tona uma importante discussão acerca da importância da história da Geografia, carente de maior dedicação, nos cursos de graduação dessa ciência. Terceiro, trazer esse pensador para a Geografia, uma vez que são poucos, na Geografia brasileira, os estudos sobre ele. Isso se reflete no material que encontramos, sendo sua maior parte, trabalhos na área da História.

Vale ressaltar que em 1965 Aroldo de Azevedo pontuou que: “Ao contrário do que acontece com muitos setores do saber humano, a História da Geografia não pode limitar-se ao estudo das diferentes etapas do desenvolvimento das idéias científicas, das origens até nossos dias. A tarefa é bem mais árdua e bastante complexa”. (AZEVEDO, 1965, p. 3). Nesse sentido, o autor salienta que para acompanhar o lento processo da evolução do pensamento geográfico, é importante analisar dois aspectos, que embora sendo diverso, se entrelaçam.

O primeiro é essencial acompanhar o que ele chamou de “paulatina ampliação do horizonte geográfico” ocorrida no tempo e no espaço, através dos contatos humanos, sejam eles de natureza exploratória ou de caráter guerreiro, econômico ou cultural. Assim, Azevedo (1965, p. 4), diz: “A tarefa preliminar, por conseguinte, deve consistir em fixar a extensão do horizonte geográfico para cada povo ou grupo de povos dentro de determinado momento histórico”. O segundo aspecto é o científico. “A Ciência Geográfica teve como embriões conceitos e tradições anônimos, [...]. Fortaleceu-se com a contribuição dos filósofos, matemáticos e cartógrafos, [...]. Firmou-se graças aos conhecimentos de astrônomos, físicos e naturalistas. Cristalizou-se, enfim, quando aparecem os primeiros geógrafos”. (AZEVEDO, 1965, p. 4). Com isto, a ampliação do horizonte geográfico antecedeu e abriu o caminho para a ciência geográfica.

Aqui, é importante frisar que o autor traz um elemento importante para o geógrafo da atualidade refletir sobre a sua prática contemporânea. A Geografia se constituiu com a contribuição de vários ramos do conhecimento e, o fortalecimento dela se deu com o aporte filosófico. Todavia Oliveira (2004, p. 9), aponta uma questão a ser refletida pela comunidade geográfica, a de que: “A Geografia, como campo do saber científico, tem uma história marcada pelo distanciamento e pela quase ausência do diálogo com a Filosofia. Essa postura tem a ver com uma história do pensamento extremamente empiricista”.

Dito isto, em tempos vividos de aumento da precarização das políticas educacionais voltadas a uma educação que tem como objetivo formar o sujeito para atender os desejos do capital, nas quais o desaparecimento nos currículos escolares de disciplinas fundamentais - sendo a Geografia uma delas - responsáveis pela formação do sujeito social crítico, nos parece

fundamental e premente que os geógrafos e geógrafas reconectem, fortaleçam os laços e, inclua o aporte filosófico na sua prática geográfica.

Neste sentido, há também um foco de luz jogado na ideia de trabalhar com nossos estudantes de Geografia para a “plena consciência da importância do passado como meio de compreensão do evoluir da ciência geográfica através dos tempos”. (MONTEIRO, 2013, p. xvii). Pois o estudo da história da Geografia proporciona referências bibliográficas e metodológicas para as investigações atuais. A educação geográfica permite desenhar e melhorar programas educativos em Geografia, em todos os níveis educacionais. Por outra parte, o ensino da história da Geografia ajuda os estudantes a compreender as bases teóricas e metodológicas desta ciência, a contextualizar seus conhecimentos geográficos e a desenvolver habilidades críticas para analisar a realidade geográfica.

Complementando esse rol de elementos que nos embasam para dar uma resposta à questão que direciona a problemática proposta no texto, “somos del criterio de que la historia de la geografía como disciplina es una disciplina olvidada e incluso, irónicamente decimos es una necesidad olvidar la historia y la geografía desde la política, por cuanto el ciudadano que no conozca su historia, que no conozca su geografía, es mucho más fácil de dominar”. (CRUZ, 2019).

Assim o texto que se segue está dividido nos seguintes itens: metodologia; resultados e discussões; no qual apresentamos a biografia de Estrabão, discorremos sobre o tempo e o espaço vividos por ele, ante o império romano, apresentamos sua obra “Geografia”, bem como, aspectos do conhecimento geográfico nela contido e, por fim; as considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa assume uma metodologia histórica, na qual utilizamos o método histórico e lógico, que é constituído por um sistema de procedimentos e técnicas utilizados para revelar os fatos do passado e construir a historiografia de um determinado período, com base no estudo de fontes orais, arqueológicas, escritas etc. O método histórico e lógico, que:

[...] posibilita sintetizar en conceptos y categorías el desarrollo de los hechos en realidad [...]. Parte del hecho de que todo objeto, por una parte, surgió en un momento determinado bajo ciertas condiciones históricas y, por otra parte, sigue un curso ordenado de desarrollo que culmina con su desaparición. El método histórico presupone el estudio detallado de todo lo acaecido, causas y condiciones históricas en que surgió y se desarrolló un objeto o proceso determinado. El método lógico es, pues, la investigación de lo general de lo que se repite en el desarrollo del objeto y despoja a su historia de todos aquellos elementos secundarios, superficiales e irrelevantes. (RODRÍGUEZ; BARRIOS; FUENTES, 1984, p. 27-32).

Essa metodologia combina o estudo de fatos históricos com o raciocínio lógico para analisar as causas e as consequências de eventos passados. “La dialéctica de lo histórico y lo lógico expresa un aspecto esencial de la lógica dialéctica, la cual descubre las leyes generales del conocimiento de los procesos objetivos de desarrollo”. (FROLOV, 1984, p. 211-212).

A teoria do historiador polonês Jelzy Topolski (1992), é uma contribuição importante para o método de análise histórica e lógica. Para Topolski, os conceitos são fundamentais para a compreensão da história, pois influenciam na maneira como as pessoas pensam e agem. Sua abordagem baseia-se na análise lógica de conceitos históricos, examinando como eles foram usados e reinterpretados ao longo do tempo. A partir desse ponto de vista e dos procedimentos estabelecidos em Topolski (1992, p. 324), sobre conhecimento baseado em fontes, foram identificadas no presente estudo, várias etapas que são seguidas na realização de um estudo histórico. Essas etapas incluem: a formulação do problema, a coleta das fontes, a análise crítica das fontes históricas, a interpretação e a apresentação dos resultados.

É importante ter em mente que a metodologia histórica pode variar de acordo com o enfoque e os objetivos específicos de cada estudo. Assim, por exemplo, Dítmar e Soloviov (1988), enfatizam, no estudo da história da Geografia, o acúmulo de conhecimento geográfico e cartográfico, as descobertas e a pesquisa geográfica em cada momento histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem foi Estrabão? Notas biográficas.

Estrabão (64 ou 63 a.C. - 23 ou 24 d.C.), foi um grego culto - historiador, filósofo e geógrafo, que nasceu na cidade de Amasia - em latim Amasaea - localizada ao Norte da atual Turquia. O período de sua existência é impreciso e há, por parte dos estudiosos dedicados ao estudo de sua biografia e de sua obra, divergências em relação à data de nascimento e morte desse pensador, visto que, grande parte das informações a respeito de sua vida, são retiradas daquilo que ele próprio deixou escrito em sua obra intitulada, “Geografia”. Aqui, optamos pela data apresentada pelo professor Churruca Arellano (2008, p. 274), que nos dá a seguinte informação:

[...] hay que tener muy en cuenta que la fecha del nacimiento de Estrabón (64 ó 63 a. C.) coincidió con la del definitivo desastre político y muerte de su rey Mitrídates VI (63 a. C.) y con la del nacimiento de Augusto (63 a. C.); que su juventud transcurrió durante los años turbulentos (tanto en Roma como en sus provincias y fronteras) del final de la República romana; y que durante su madurez fue testigo de la consolidación del nuevo régimen imperial de Augusto (27 a. C.-14 d. C.) y de los primeros años de Tiberio (14-37 d.C).

O local de nascimento é sabido, porque, na “Geografia” ele se refere a Amasia como “minha pátria” ou “nossa cidade”, entretanto, o local onde teria vivido seus últimos dias de vida é uma incógnita. Jones (2022), evidencia que parece que ele viveu até os 84 anos de idade porque narra a morte de Juba II - que era um rei da Mauritânia e da Líbia - em 21 a.C., e que os últimos vinte e seis ou vinte e sete anos, foram passados longe de Roma, provavelmente em Amásia, sua terra natal. Em função de sua residência aí, um lugar remoto, tornou impossível para que Estrabão pudesse acompanhar o curso dos eventos políticos recentes do período e então incorporá-los na edição revisada de sua obra. Entretanto, Silva (2021, citando Dueck, 2000), para esta autora, também Roma e Nápoles, podem ser consideradas cidades nas quais ele teria vivido no período de sua morte.

Um dos elementos de busca dos estudiosos sobre este pensador foi sobre a origem do seu nome. Isto porque, o geógrafo, ao longo de sua obra “Geografia”, não indica o seu nome, ele a escreve e marca nela sua presença na primeira pessoa do plural, o que era um estilo habitual de escrita também de seus antecessores, a exemplo de Políbio de Megalópolis (200-118 a.C.). (DESERTO e PEREIRA, 2016). Ainda Silva (2021, citando Dueck, 2000), salienta que identificou que este pensador se chama Estrabão, nas referências posteriores que são feitas a ele pelos autores antigos e também nos manuscritos medievais, por exemplo: em Plutarco (séc. I-II) em sua obra Vidas Paralelas; na Suda, que é a primeira enciclopédia do mundo, surgida no século X em Constantinopla; também nos manuscritos medievais intitulados “Geografia de Estrabão”.

Ele viveu tanto sob a cultura grega quanto romana, nutrindo-se culturalmente desses dois mundos, portanto, “se olhar para o nome do autor, também este simboliza esta indecisão entre dois mundos, já que não se torna claro se é um nome grego, que provenha dos seus pais e da sua ascendência familiar na Ásia Menor, ou se, por outro lado, é um nome que adquire posteriormente, no momento em que recebe a cidadania romana”. (DESERTO e PEREIRA, 2016, p. 15). Igualmente, há aportes entre os estudiosos sobre o seu nome referir-se a condição física de estrabismo, da qual possivelmente ele seria portador, porém, os autores Deserto e Pereira (2016, p. 15), salientam que “O mesmo se pode dizer da condição física que o nome indica (o estrabismo), da qual não existem quaisquer sinais de que pudesse aplicar-se ao próprio geógrafo, embora também aí pudessem encontrar-se leituras simbólicas”.

Os apontamentos sobre sua educação, assim como as outras informações biográficas, estão dispersos em sua obra estando relacionados com os lugares e temas sobre os quais ele discute.

Fazendo parte de uma família abastada e importante do seu tempo, teve em sua infância, acesso a uma educação helenística refinada. Jones (2022), coloca que a família de Estrabão conseguiu acumular bens os quais ele herdou. Sendo uma riqueza considerável, a fortuna foi suficiente para que ele pudesse dedicar-se a vida acadêmica e viajar muito. Desde muito cedo teve contato com a poesia de Homero (que teria vivido no século IX a.C.), que foi uma referência em toda a sua formação, tanto na vida quanto na obra. Em uma questão posta a Eratóstenes (275-193 a.C.), aborda sobre a importância da poesia na vida de um sábio. O próprio, assim diz:

Seria verdade, como afirma Eratóstenes, que o único propósito de um poeta é divertir a mente e não instruí-la? Os antigos, ao contrário, definia a poesia como uma espécie de filosofia primitiva, **que nos introduz desde a infância** à ciência da vida e nos instrui, por meio do prazer, em tudo o que se relaciona com a moral, as paixões e as ações do homem; nossa escola [estoica] hoje vai ainda mais longe: proclama que só o sábio é poeta. Daí também a prática dos vários governos gregos de **iniciar a primeira educação das crianças com poesia**, que aparentemente é considerada não apenas um meio de entretenimento, mas uma escola de sabedoria. (ESTRABÃO, I.2.3 - 2022, p.31. Grifos nossos).

Daí a conclusão retirada pelos estudiosos sobre a influência que Homero vai ter na formação intelectual de Estrabão e que lhe acompanha por toda a vida, a qual é bem sintetizada nas palavras de Borlina (2022, p. 84), quando argumenta que:

Se o próprio Estrabão nasceu em uma cidade grega e alega ter familiaridade com Homero desde a infância, podemos concluir dessas informações que ele teve uma educação homérica nos anos iniciais de sua vida. E o que é particularmente surpreendente desta conclusão é que se Homero esteve presente no início de sua formação, este início deve ter sido decisivo para o geógrafo, e os poemas homéricos devem ter acompanhado Estrabão durante toda sua longa vida, uma vez que Homero foi o autor mais citado e louvado na *Geografia*.

Ainda muito jovem, estudou com o neto de Possidônio (135-50 a.C.), Aristodemo, em Nisa, próxima de Trales, na Cária. Jones (2022), aponta duas possibilidades para ele ter ido estudar nessa cidade quando ainda era menino: ou seus pais se mudaram de Amasia para Nisa, devido a questões de desafetos políticos, ou foi enviado para lá porque um dos seus parentes ocupava um alto cargo na vizinha Trales. Borlina (2022, p. 86, citando Dueck 2000, p. 8), diz que esta autora argumenta que Nisa, naquele contexto era “um grande centro cultural com uma grande biblioteca a um círculo intelectual inclinado aos estudos homéricos”.

No ano de 44 a.C., foi para Roma passando por Corinto. Na ocasião dessa sua primeira visita a Roma, tinha dezenove ou vinte anos. Aí teve estudos com Tiranion, que era um gramático grego, levado a Roma como cativo, onde foi professor. Também era um grande conhecedor de Geografia e pode ter tido influência nos caminhos dos estudos geográficos de Estrabão. É também em Roma que ele estuda com Xenarco, um filósofo peripatético. Apesar de seus professores terem sido peripatéticos, também foi um adepto do estoicismo, uma vez que o próprio se confessa estoico. (JONES, 2022). Isso fez com que Churruca Arellano (2008), dissesse que Estrabão nunca se centrou em uma única corrente filosófica determinada e, Glacken (1996), afirma que ele foi um pensador mais eclético que seus predecessores, na Geografia cultural.

Jones (2022), pontua que quanto as suas posições políticas parece que seguiu Políbio, no respeito que este tinha pelos romanos, porque jamais deixou de ter admiração pelo poderio e grandeza do império romano, como também pela sábia administração. Também vale ressaltar que o autor citado pontua que Estrabão esteve em Roma várias vezes e lá acompanhou as várias conquistas do império romano, também suas estadias nessa cidade, lhe permitiu entrar em contato com os mais prestigiosos e influentes da época. Igualmente o autor citado, salienta que em 25 e 24 a.C. ele estava no Egito, lá, viajou percorrendo vários lugares, tinha então trinta e nove anos, porém, permaneceu mais de cinco anos em Alexandria. Por isso também que os estudiosos inferem que sua longa vivência em Alexandria - usufruindo da biblioteca daquele lugar, na qual pode consultar as obras dos seus antecessores - contribuiu para a sua educação e, teve um grande impacto em sua formação.

Jones (2022), aponta uma questão que não parece ser relevante, quando pensamos na importância

do legado das informações geográficas deixado no conjunto de sua obra para a humanidade, mas que tem importância no entendimento biográfico desse pensador, que é o fato de Estrabão pensar ter viajado muito. O próprio Estrabão, citado por Jones (2022, p.119), diz:

Agora contarei sobre parte da terra e do mar que visitei e sobre quais partes eu confiei em relatos dados por outros, de forma oral ou por escrito. Eu viajei para o oeste da Armênia até as costas da terra dos Tirrenos, em frente à Sardenha, e na direção Sul eu viajei desde o mar Euxino até as fronteiras da Etiópia. E você não poderia encontrar outra pessoa entre os escritores de geografia que tenha viajado mais das distâncias mencionadas acima do que eu; de fato; aqueles que viajaram mais do que eu nas regiões ocidentais não percorreram tanto terreno no oriente, e aqueles que viajaram mais nos países orientais não conheceram tanto dos países ocidentais; e o mesmo vale para as regiões do Sul e do Norte.

Continua Jones (2022), aclarando que embora Estrabão pensou ter viajado muito, não se pode dizer que tenha sido um grande viajante, igualmente, que tenha viajado com fins científicos. Ao citar Ettore Pais - um historiador italiano de 1856-1939 - salienta que este, parece confirmar a sua afirmação de que a obra de Estrabão, não foi escrita por alguém que viajava por conta própria e tendo razões científicas, mas por alguém que aproveitou as oportunidades para estudar. Assim, “Ele [Ettore Pais] afirma, além disso, que foi devido a outros que Estrabão fez suas viagens; que era instrutor e político, viajando talvez com, e certamente no interesse de, pessoas da mais elevada posição; que era o professor e guia de homens eminentes”. (JONES, 2022, p.120).

Dito isto, e tendo por base os estudiosos, não é fácil precisar sobre a vida do geógrafo de Amásia. Os informes dados por ele próprio precisam ser juntados como peças de um grande quebra-cabeça, cujas pistas, estão colocadas ao longo de sua obra. Em resumo, os fatos mais importantes acerca do que este tópico se propôs a mostrar é que Estrabão recebe, quando jovem, uma educação requintada nos moldes gregos, tendo Homero na base, o qual carrega intelectualmente por toda a vida. Viajou várias vezes a Roma na qual teve contato com os filósofos peripatéticos e também com os estoicos. Assumiu-se como estoico, porém carrega em seu trabalho escrito um ecletismo filosófico. Viajou também para vários lugares no Egito e morou em Alexandria, cidade na qual adquiriu vasta experiência intelectual pelo contato com as obras de seus antecessores. Embora fosse um legítimo representante da cultura helenística, que tinha Homero, como a grande autoridade e como o esteio de sua formação, ao escrever suas obras, utilizou-se também das fontes romanas da mentalidade prática, com a qual os romanos eram caracterizados.

O Tempo e o Espaço de Estrabão: sua visão ante o império romano.

Amásia era uma cidade helenística que até aproximadamente o ano de 140 a.C. havia sido a capital do reino de Ponto. Este reino foi um estado helenístico, situado ao Norte da península da Anatólia, atual Turquia, e foi fundado em 281 a.C. pelo nobre Persa Mitrídates I. Um dos soberanos desse reino, Mitrídates VI Eupator (135 - 63 a.C.) - que o governou entre os anos de 120 - 63 a.C. - tinha sido um feroz inimigo do império romano e, a partir de sua derrota na última Guerra Mitrídática (73 - 63 a.C.) para o general romano Pompeu (106 - 48 a.C.), o reino de Ponto passou a ser um estado vassalo de Roma, tendo um regime político administrativo com constantes mudanças. Esse foi o contexto em que se encontrava Estrabão em sua infância, já que havia nascido no ano da morte de Mitrídates VI. (CHURRUCA ARELLANO, 2008; JONES, 2022).

Vale salientar que os ancestrais da família de Estrabão eram gregos, mas também asiáticos, haviam sido importantes dignitários dos soberanos do reino de Ponto, incluso durante o período das Guerras Mitrídáticas. Portanto, uma linhagem de família influente, que recebeu honrarias militares, proteção e fortuna dos soberanos do reino de Ponto. Referindo-se aos ancestrais mais distantes e fazendo uma descrição dos familiares mais próximos de Estrabão, Jones (2022, p. 114), diz:

Esses ancestrais de Estrabão eram gregos, mas o sangue asiático também corria em suas veias. Quando Mitrídates anexou a Cólquida, percebeu a importância de nomear como governadores da província apenas funcionários e amigos mais fiéis. Um desses oficiais era Maofernes, tio da mãe de Estrabão por parte de pai. Maofernes não alcançou esta posição elevada senão ao final do reinado de Mitrídates, e participou da ruína de seu mestre real. Mas outros membros da família de Estrabão escaparam dessa ruína; prevendo a queda de Mitrídates, buscaram abrigo da tempestade iminente. Um deles era o avô paterno de Estrabão, de nome Eniades. Eniades tinha motivos privados para odiar Mitrídates e, além disso, Mitrídates havia condenado à morte Tibio, sobrinho de Eniades, e o filho de Tibio, Teófilo. Eniades, portanto, procurou vingar tanto a eles quanto a si mesmo; entregou de forma traiçoeira quinze fortalezas a Lúculo, que lhe fez promessas de grande sucesso em troca desse serviço à causa romana. Mas, nesse contexto, Lúculo foi substituído por Pompeu, que odiava Lúculo e considerava como seus próprios inimigos pessoais todos aqueles que haviam prestado serviços ao seu antecessor. A hostilidade de Pompeu contra Eniades não se limitou à perseguição da Ásia Menor; pois, quando retornou a Roma após o término da guerra, impediu o Senado de conferir as honras prometidas por Lúculo a certos homens do Ponto, sob a alegação de que os despojos e as honras não deviam ser concedidos por Lúculo, mas por ele mesmo, o verdadeiro vencedor. E assim aconteceu que o avô de Estrabão não recebeu as recompensas de suas ações. Outra prova da existência de sangue asiático nas veias de Estrabão é o nome do seu parente Tibio; pois, diz Estrabão, os atenienses davam aos seus escravos os nomes das nações de onde eles vinham, ou então os nomes mais comuns nos países de onde vinham; por exemplo, se o escravo fosse um Paflagônio, os atenienses o chamariam de Tibio. Assim, parece que Estrabão era de linhagem mista e que descendia de ilustres gregos e asiáticos que serviram aos reis do Ponto como generais, sátrapas e sacerdotes de Ma. Mas pela linhagem e educação, era completamente grego.

O tempo vivido por Estrabão traz em si as vicissitudes que reverberam no espaço, e seus antepassados são fontes importantes deixadas por ele em sua obra “Geografia”, para o entendimento também das transformações políticas que refletiram no conhecimento geográfico daquele espaço conhecido. E assim se forma um pensador grego, vivendo sob os auspícios do império romano, ou seja, um autor entre dois mundos. Entretanto, o mundo descrito pelo geógrafo de Amasia, estava segundo ele próprio, ocupado pelo império romano.

Ao tratar da atitude de Estrabão ante o império romano, Churruca Arellano (2008), aborda que Estrabão se apresenta sempre como um grego e, de certa forma, um tanto distante e respeitoso a respeito dos fatos históricos que relata e que viveu muito próximo. O autor supracitado (2008, p. 301), diz:

[...] no se muestra personalmente partidario de ninguno de los principales jefes de las guerras civiles adversarios entre sí (Pompeyo, César, Antonio); habla con respecto del último gran soberano de Ponto Mitrídates VI Eupator, tan frecuentemente denostado por los romanos; no condena las traiciones de sus antepasados a su soberano; no condena la expansión imperialista romana por los territorios de cultura griega y sólo refleja una crítica velada ante la restricción de la autonomía de algunas ciudades griegas y ante la creación de algunas colonias romanas en territorios helenísticos.

Segundo os estudiosos de sua obra, Estrabão foi um grande admirador de Augusto (63 a.C. - 14 d.C.), louvando o novo regime político - o império - implantado em Roma em 27 a.C., no qual este tinha o poder absoluto, e que todas as mudanças que levaram a grandeza do império não seria possível sem a qualidade do regime político daqueles que o detinham. Borlina (2022), salienta que das personalidades romanas descritas por Estrabão, em sua obra, Augusto foi a mais importante de todas, ao que foi superado não apenas em quantidade de referências em sua obra, mas também pela própria influência que este exerceu em Tibério (42 a.C. - 37 d.C.), que foi seu sucessor. Estrabão nas suas últimas palavras do livro quinto, citado por Churruca Arellano (2008, p. 304), diz que:

Nunca les fue dado a los romanos y a sus aliados gozar de tanta paz y abundancia de bienes como ha aportado César Augusto desde el momento en que asumió el

poder absoluto, y la que ahora aporta su hijo y sucesor Tiberio, que hace de aquél [Augusto] la regla de la administración y de las disposiciones legales, como lo hacen de él [Tiberio] sus hijos Germánico y Druso, que colaboran a las órdenes de su padre.

Estrabão viveu em um tempo de expansão do império romano, e ele atribui essa expansão ao êxito dos romanos, tanto do seu poderio militar quanto do seu acerto em governar. Ressaltou o poderio da ação civilizadora dos romanos junto aos povos que por eles eram considerados bárbaros. Estes, por sua vez, diante de todo o trabalho civilizador dos romanos, passaram a viver de uma forma civilizada. Isso fez jus a sua discussão sobre o que seria viver bem e viver mal, o que Churrucá Arellano (2008), aponta como os conceitos de civilização e barbárie no pensador, diretamente ligado ao seu gênero de vida, que é bom ou mal. Um gênero de vida bom, teria uma definição de habitar bem, no sentido de levar um bom gênero de vida, o mal, seria no sentido de levar um mal gênero de vida, o que para Estrabão, era característico dos bárbaros. Ou seja, os povos bárbaros, eram aqueles que culturalmente não estavam dentro dos costumes culturais da civilização grega e romana. Assim, Churrucá Arellano (2008, p. 304), diz:

La combinación de ambos principios - rechazo de la barbarie, admiración por la obra civilizadora de Roma - ha llevado a varios autores a afirmar acertadamente que Estrabón coincidiendo con la ideología de la propaganda oficial, presenta al menos implícitamente la acción civilizadora como la legitimación del imperialismo romano. Lo mismo que la casi totalidad de los autores griegos y latinos cuyas obras se conservan en la actualidad, Estrabón apenas hace referencia al precio que los pueblos hubieron de pagar para ser civilizados.

Desta maneira, Molina Marín (2020, p. 270), evidencia:

[...] la geografía del de Amasia nunca intentó describir con el mismo detenimiento todas las partes del mundo, porque el mundo en sí era el espacio romano. Da la sensación que Estrabón, y ningún otro autor del Principado, no puede reconocer un espacio de la misma importancia que el romano, porque no puede concebir un poder semejante al suyo. El espacio va ligado al poder.

Assim, o geógrafo de Amasia é um pensador de seu tempo, acompanhando desde a infância as transformações do conhecimento e das políticas importantes do seu contexto. Então, a visão do mundo que ele passa a ter, é um reflexo de suas concepções filosóficas e políticas.

A obra “Geografia”.

Antes de tratarmos de alguns aspectos específicos de apresentação da obra “Geografia” de Estrabão, um ponto importante merece ser destacado, para entendermos a herança que Estrabão herdou de ser proclamado pelos estudiosos de sua obra, um pensador da chamada Geografia Regional. Este esclarecimento é De Martonne (1953), quem nos traz, visto que no contexto do tempo histórico de Estrabão, o qual carrega em si as vicissitudes dos tempos anteriores, desde Homero, Heródoto (485-425 a.C.) e outros tantos mais, dois pontos de vista eram essenciais em uma Geografia que era considerada como a ciência da terra: a Geografia Geral e a Geografia Regional. Homero foi considerado o primeiro geógrafo pelos Alexandrinos. Portanto:

Era impensable, por lo tanto, que los primeros geógrafos griegos no bebieron del mito para llegar a conocer el mundo en que vivían. De igual modo, todo investigador que quiera comprender la evolución del pensamiento geográfico entre los griegos debe comenzar por Homero, aquel a quien Estrabón (I 1.2) llamo “el fundador del estudio empírico de la geografía”. Ahora bien, existe una serie de inconvenientes a la hora de utilizar la *Iliada* y la *Odisea* como fuentes de conocimiento geográfico, aparte de la abundancia de mitos y de figuras poéticas, que todo lector de Homero conocerá de antemano. (MOLINA MARÍN, 2010, p. 47).

No período helenístico (séculos III e II a.C.), a *Iliada* e a *Odisséia*, poemas atribuídos a Homero, são as mais longínquas narrativas das concepções geográficas. A *Odisséia* apresenta as questões interessantes para a discussão da evolução do conhecimento geográfico. Sobre esse assunto Azevedo (1965, p. 77), diz: “A Terra era imaginada como semelhante a um disco mais

ou menos convexo, em cujo centro se localizava a Hélade, isto é, a Grécia continental. Circundavam-no as águas de um rio extremamente largo - o Rio Oceano, de onde provinham as águas das fontes, dos rios secundários e de outros mares”. E mais, continua o autor supracitado (p.77): “Dominando êsse disco terrestre e apoiadas em colunas de ferro, erguia-se a abóboda celeste, onde brilhavam o Sol, a Lua e os demais astros. Cumpre aqui recordar que a palavra sideral, que nossa língua conservou, lembra essa longínqua concepção fundada na existência de sustentáculos de ferro, a suportar o mundo dos astros”.

Entretanto, o primeiro a ser considerado um geógrafo “verdadeiramente consciente” (De Martonne, 1959), é Heródoto, porque não esteve somente vinculado às narrativas da *Ilíada* e da *Odisséia*, mas, conforme aponta De Martonne (1953, p. 2), “[...] é, o primeiro historiador que alarga o campo das crônicas e que o estudo de uma grande guerra põe em presença de países tão longínquos como diferentes”. Também porque foi um viajante, cujos escritos surgiram de sua experiência pessoal, pois o que se encontra escrito sobre ele, é que esteve presente nas partes do mundo sobre as quais descreveu. Desta maneira, De Martonne (1953, p. 2), diz que: “Ele representa a tendência descritiva da geografia, aquilo a que chamamos a geografia regional”.

Continua o autor supracitado esclarecendo que, simultaneamente, até mesmo já antes, nas cidades jônicas, nas quais afloravam o pensamento grego, aparecia outra face da Geografia que tinha na Terra, o seu conjunto, daí, ser chamada de Geografia Geral. Coube aos filósofos naturalistas a preocupação com os problemas da física terrestre como a forma, dimensão e a posição da terra no espaço. Dentre esses filósofos, o nome de Tales de Mileto (620-540 a.C.), se destaca. Foi herdeiro dos conhecimentos astronômicos dos egípcios e dos babilônios; fundou a Escola Jônica e introduziu na Grécia as bases da Matemática e da Astronomia. Defendia a rotundidade da Terra e, já ensinava que o ano possuía 365 dias. Também já ensinava sobre os astros. Para ele, a lua era um astro iluminado pelo sol. A água para Tales era o princípio e o fim de todas as coisas. Conforme Azevedo (1965), Tales, soube com sapiência aplicar o preceito que os romanos resumiam na expressão “*Primum vivere, deinde philosophari*”. E assim, ao aplicá-lo, tornou-se um dos primeiros filósofos pioneiros do que hoje chamamos de Geografia aplicada. Portanto, é assim que desde a antiguidade surgem esses dois pontos de vista na Geografia entendida como ciência da terra: a Geografia Geral e a Geografia Regional.

A despeito de toda a fragilidade dos meios de investigação que os sábios dispunham na época, a Geografia Geral realiza grandes progressos com os filósofos jônicos, com Aristóteles (384-322 a.C.), e com os Alexandrinos, com os quais foi bastante enriquecida. Nesse contexto esses sábios não só demonstraram a circularidade da terra, como também mediram a circunferência terrestre e construíram um mapa mundi baseado na rede de coordenadas geográficas, estes dois últimos feitos são atribuídos à Eratóstenes de Cirene (275-193 a.C.). (DE MARTONNE, 1953; AZEVEDO, 1965). Eratóstenes, também tem seu nome gravado com brilho na história da Geografia. Entretanto como tantas outras obras do mundo antigo, a sua também, foi ao longo do tempo, perdida. Molina Marín (2010), chama atenção para o fato de que a maior parte dos fragmentos que se conservam desta obra se concentram na “Geografia” de Estrabão. Todavia é importante ficarmos atentos ao papel desempenhado por Estrabão como sendo um transmissor da obra de Eratóstenes, visto que divergiam em aspectos essenciais, como por exemplo, o papel de Homero como geógrafo, já que é por Estrabão que Homero foi convertido em geógrafo e etnógrafo por excelência. (MOLINA MARÍN, 2010). Assim, Estrabão tinha como preocupação a defesa de uma autoridade geográfica de Homero, a qual foi questionada por Eratóstenes, que era um, entre os mais importantes de suas referências. (BORLINA, 2022). As divergências de ambos estão postas em relevo no livro I da “Geografia” de Estrabão.

Ao tratar sobre o título da obra de Eratóstenes, que ela poderia ter sido Geografia (escrito em grego), Molina Marín (2010, p.190), diz: “Algo nada descabellado, puesto que pasa por ser el inventor de la palabra geografia, una combinación de los vocablos *ge* (tierra) y *graphein* (<<escribir>>; <<diseñar>>). Lo que indica que para Eratóstenes la geografía, era tanto la descripción literaria como el esquema y el diseño del mundo terrestre. Outros pensadores antes de Eratóstenes já haviam escrito a palavra Geografia, porém, ousamos dizer que é ele quem lhe

dá o sentido geográfico que a ela lhe cabe, o de escrever/desenhar a Terra. Ressaltamos que, de acordo com Azevedo (1965), essa Geografia de cunho astronômico e matemático, foi em parte absorvida, ao longo do tempo pela Geografia física, e outra parte, transformou-se em outra ciência autônoma que foi a Cartografia.

Também estava a cargo da Geografia Geral as questões hidrográficas e climatológicas que tinham a ver com a “continuidade dos oceanos, teoria das zonas climáticas, origem dos rios e das suas cheias, em especial das cheias do Nilo”. (DE MARTONNE, 1953, p. 3). Porém, esse mesmo autor aborda que sobre todas essas formas de conhecimento, muito, era retirado de considerações que eram estranhas à experiência, uma vez que verdade e erro eram misturados de maneira que ficava difícil destrinchá-los.

Diante disso, neste contexto, há oportunidade para aqueles pensadores de espíritos práticos e inquietos, que não se contentaram com as teorias, as abandonam e dedicam-se às descrições exatas, ou, acrescentemos, um pouco mais exatas, dos até então, lugares conhecidos. Essa foi uma característica, principalmente dos geógrafos romanos. De Martonne (1953), afirma que esta reação, foi favorável à Geografia Regional e que Políbio, iniciou o movimento. Estrabão, por sua vez, cuja obra chega à modernidade, é o pensador e escritor pelo qual se vai medir esse movimento. “Observa-se que a geografia regional e descritiva é muito mais humana, mais atenta à etnografia, às migrações dos povos, aos costumes e às instituições, ao passo que a geografia geral é mais física, mais exacta, ou pelo menos, mais exigente de precisão matemática”. (DE MARTONNE, 1953, p. 3). Desta maneira Estrabão é o herdeiro dessa Geografia descritiva, porque a colocou em prática por meio de suas viagens. Marcando claramente a tendência regionalista descritiva da Geografia, ousamos também afirmar que o método regional, está aí concretizado.

Dentre os trabalhos escritos de Estrabão, o que se conservou por completo, chegando a contemporaneidade, foi sua obra intitulada “Geografia”. Porém, antes de tê-la escrito, havia dedicado a outro trabalho cujos títulos entre os estudiosos são: História, Comentários Históricos, Recordações Históricas, contendo 39 livros - há autores que mencionam 43 e 47 livros -. (AZEVEDO, 1965; SILVA, 2013; DESERTO e PEREIRA, 2016). Desta obra:

[...] sólo se conservan 19 fragmentos. Parece que esta obra se terminó de escribir entre los años 27 y 25 a. C., y era una continuación de la gran Historia de Polibio. La de Estrabón arrancaba probablemente en el año 145-144 a. C. y debió de extenderse hasta el final de las Guerras Civiles (27 a. C.). La obra iba precedida de cuatro libros introductorios con una exposición general de los acontecimientos anteriores al año 145-144 a.C. Ha llamado la atención que Estrabón hubiese escrito una continuación de la obra de Polibio unos 30 años más tarde de que ya lo hubiese hecho Posidonio. Como de ambas continuaciones se conservan sólo pocos fragmentos, es imposible dilucidar si Estrabón al empezar a escribir su Historia no conocía todavía la de Posidonio, o si pretendía dar una visión de los acontecimientos distinta de la de aquél. En todo caso, a juzgar por los fragmentos conservados, la calidad de la Historia de Estrabón parece haber sido inferior a la de Posidonio en información, estructura, profundidad y estilo. Estos datos pueden ser interesantes para nuestro estudio, dado el hecho de que probablemente fue Posidonio la principal fuente de información de gran parte de los pasajes de la Geografía. [...]. (CHURRUCA ARELLANO, 2008, p. 275).

Atemos-nos à “Geografia”. Assim como o título de sua obra anterior, mesmo mantendo o sentido de História, passou por várias traduções distintas, o mesmo ocorreu com as traduções do título da “Geografia”. Churruca Arrellano (2008), pontua que ao ser traduzido do grego, o título original da “Geografia” era “Notícias Geográficas”, ainda que alguns autores antigos a designaram com o que poderia traduzir-se como “Descrições da Terra”, ou mesmo “Escritos de Geografia”.

O período da escrita da “Geografia” também é motivo de controvérsia entre os estudiosos de Estrabão, estando longe de conseguir consensos, uma vez que não existe nenhum dado sobre isso, fora da obra, que permite dar seguridade aos estudiosos de uma data precisa em que ele começa e termina trabalho de tamanha envergadura. As hipóteses levantadas conforme relatam

Deserto e Pereira (2016), são: a redação teria um tempo de redação único, decorrido entre 18 e 19 d.C. Nesta data Estrabão seria um octogenário a redigir uma obra de tamanho volume em dois anos; há os que defendem duas versões da “Geografia”, uma primeira escrita num período bastante recuado de sua vida e uma segunda, na qual acrescenta muitos dados já no final de sua vida; outros afirmam que Estrabão tenha deixado o seu trabalho incompleto; outros apontam que uma obra de grandioso volume teve um duradouro processo de escrita. Nesse sentido corroboramos com a ideia dos autores supracitados, a de que não devemos querer cobrar do texto de Estrabão, uma resposta que ele não consegue dar. O mais sensato é focar no mais interessante que é compreender o conhecimento geográfico que a obra traz.

A obra possui dezessete livros, os quais, ao serem traduzidos em modernas traduções, ocupam, muitos volumes. Outra importante questão apontada por Deserto e Pereira (2016), é o fato de que, com o não conhecimento da sua primeira e mais longa obra, perdeu-se também com ela, informações relevantes sobre o que Estrabão entendia como sendo matérias próprias do que seria a História, e o que deveria de fato ser de cunho da Geografia. Assim, “Estrabão é tão conhecido como geógrafo que muitas vezes se esquece que foi historiador antes de ser geógrafo. De fato, pode-se acreditar que ele é geógrafo porque foi historiador, e que o material para sua Geografia foi coletado junto com o de seus Esboços Históricos”. (JONES, 2022, p. 122). Desta maneira, os livros I e II, chamados de prolegômenos, possuem um caráter introdutório do assunto discutido nos demais livros. Porém, é no livro I que tece suas considerações a cerca do que entende por Geografia, qual é o objetivo da obra e os destinatários a quem ela foi escrita.

Após os prolegômenos, os quinze livros restantes, divididos por regiões, são dedicados a apresentar o mundo habitado e conhecido até então - o ecúmeno - trata-se de “um périplo em redor do Mediterrâneo, avançando no sentido dos ponteiros do relógio, com ponto de partida na Ibéria, seguindo pela Europa, pela Ásia Menor, até chegar à Índia, regressando depois pelo sul, até ao Norte de África e ao território da Líbia”. (DESERTO e PEREIRA, 2016, p. 16). De forma esquemática, a obra está assim organizada:

Livros I e II: Introdução e apresentação das ideias gerais.

Livro III: Ibéria ou Hispânia.

Livro IV: Gália e Britânia.

Livros V e VI: Itália e Sicília.

Livro VII: Norte da Europa; Sul do Istro; Épiro; Macedónia e Trácia;

Livros VIII a X: Peloponeso; Grécia setentrional, central e ilhas.

Livro XI: Ásia: áreas a Norte do monte Tauro; Pártia; Média e Arménia.

Livros XII a XIV: Península da Ásia Menor.

Livro XV: Índia, Ariana e Pérsia.

Livro XVI: Territórios entre a Pérsia, o Mediterrâneo e o Mar Vermelho.

Livro XVII: Egito e Líbia.

Estes quinze livros são dedicados a uma Geografia Regional, assume um caráter descritivo desses lugares, cuja leitura, foi caracterizada por Azevedo (1965, p. 152), como “positivamente cansativa e enfadonha”, considerada - apenas neste particular - como o “protótipo da Geografia não-científica, pernicioso exemplo para inúmeras gerações que lhe seguiram”. A despeito da crítica positiva de Aroldo de Azevedo, por sua vez, Molina Marín (2010), a considerou como um autêntico inventário do mundo, sendo o maior estudo regional da antiguidade.

Vale salientar um dado importante trazido por Silva (2013, p. 78), que: “A versão moderna que se tem dessa obra é resultado de mais de duzentos anos de estudos de três principais conjuntos de documentos: a tradição de manuscritos, fragmentos de papiros datados do século II e III e palimpsesto II do século V”. Desta maneira, cada livro desta obra e, mesmo a obra no seu

conjunto, permite aos pesquisadores contemporâneos de vários ramos do conhecimento, uma leque de assuntos e abordagens a serem investigados, indo desde a História, Gênero Literário, Etnografia etc, e principalmente a Geografia, para a qual as lentes do olhar dos geógrafos precisam estar mais ajustadas, para mirar bem e melhor para um passado que tem muito a nos ensinar no presente.

A Geografia na “Geografia”.

É nos prolegômenos que Estrabão nos mostra o que entende por Geografia, para quem sua obra é destinada e, qual o seu objetivo. As primeiras linhas que o geógrafo de Amásia, coloca no livro I, dizem:

A Geografia, que nos propomos estudar no presente trabalho, parece-nos ser como qualquer outra ciência do domínio do filósofo; e mais de um fato nos autoriza a pensar desta forma: primeiro, os primeiros autores que ousaram a lidar com a Geografia foram precisamente os filósofos: Homero, Anaximandro de Mileto e seu compatriota Hecateu, como já observou Eratóstenes; depois Demócrito, Eudoxo, Dicearco, Éforo, e muitos outros com eles; e mais recentemente Eratóstenes, Políbio e Posidônio filósofos também eles. (ESTRABÃO, I.1.1 - 2022, p. 9).

O termo filósofo, nesse excerto, também é motivo de discussão entre os estudiosos da obra. Mas, como bem nos lembra Borlina (2022), não seria provável que com o termo philosophos, Estrabão se referiria, ao que hoje corresponde a um estudante da disciplina Filosofia, uma vez que este termo, conforme o Dicionário de Filosofia (2001), também significa, “amigo do saber”, “sábio”, termos que estão diretamente ligados aos homens instruídos e que amam o saber. Ademais, todos os autores citados por ele, eram filósofos, poetas, historiadores, geógrafos etc. Então, “Por esse motivo que Estrabão pôde classificar todos esses nomes que escreveram tratados sobre os mais variados temas como philosophoi. Trata-se de uma categoria capaz de abarcar todos que se destacam pelo saber e pela instrução”. (BORLINA, 2022, p. 46). Entretanto, em nosso entendimento o geógrafo de Amásia, coloca em primazia a filosofia como um pré-requisito para o estudo da Geografia, quando diz:

Em segundo lugar, a multiplicidade de conhecimentos, indispensável para quem deseja realizar tal trabalho, é compartilhada apenas por aqueles que abraçam em sua contemplação, tanto as coisas divinas como as humanas, ou seja, **o próprio objeto da filosofia**. Finalmente, a variedade de aplicações de que a Geografia é suscetível, que pode servir tanto às necessidades dos povos como os interesses dos governantes, e que tende a nos fazer conhecer melhor primeiro o céu, e depois todas as riquezas da terra dos mares, assim como os animais e as plantas, os frutos e as produções próprias de cada país, essa variedade, dizemos, **implica no geógrafo esse mesmo espírito filosófico**, habituado a meditar sobre a grande arte de viver e ser feliz. (ESTRABÃO, I.1.1 - 2022, p. 9. Grifos nossos).

Dissemos anteriormente sobre as duas concepções geográficas existentes em seu tempo, a matemática, cujo expoente é Eratóstenes e a descritiva, cujos representantes são Artemidoro (C. 100 a.C.) e Possidônio (135 - 50 a.C.). Estrabão se afinou a esta última, todavia, não se limitou apenas a descrever os lugares por onde viajou e o mundo conhecido, mas também, deu ênfase aos povos que habitavam essas terras.

As fontes de informações por ele utilizadas para a escrita da “Geografia” são inúmeras e de naturezas diferentes. Os autores que o precederam foram fundamentais no processo informativo. Igualmente o foi, o conhecimento adquirido em suas viagens. Embora, não tendo visitado boa parte dos lugares que descreveu, os materiais dos que o precederam e as informações deles, foram basilares e essenciais. Também, boa parte das informações que utilizou, veio de sua obra História, escrita anteriormente. Desta maneira os tipos de fontes foram: tratados científicos e obras literárias; périplos; itinerários; informes privados; informes oficiais; materiais cartográficos e as obras dos historiadores, geógrafos e filósofos que o antecederam. Assim, “Autores como Posidonio, Hiparco, Eratóstenes, Políbio, Piteas, Artemidoro y los geógrafos de Alejandro le deben a Estrabón de Amasia que sus aportaciones a la ciencia geográfica no hayan caído en el

olvido”. (MOLINA MARÍN, 2010, p. 259).

Desta maneira, seu estilo literário abrange tanto os conhecimentos das suas viagens, quanto o uso das fontes escritas por seus predecessores as quais usou livremente, no sentido que a tradição e a ciência grega lhe permitiam. Quanto à ciência, a inovação não era um elemento essencial da literatura e nem da ciência grega. E a tradição é entendida como o conjunto de normas, ritos, elementos culturais e sociais que são repetidos e aceitos pelos indivíduos, em contrapartida da aceitação como membros de direito em uma sociedade. (MOLINA MARÍN, 2010). Isto incorre no fato, como aponta Churrua Arellano (2008), de que o estudo das fontes é difícil, porque somente em alguns casos, Estrabão menciona expressamente o autor e a obra, tornando-se complexo discernir entre o que seja próprio de Estrabão, e o que procede dos autores por ele utilizados. O próprio diz:

Ninguém pode [com justiça] nos culpar por termos nos comprometido a escrever sobre algo já comumente abordado por outros, a menos que pareça que mais nada fizemos do que copiar as obras daqueles que escreveram antes de nós. Pareceu-nos, de fato, que, apesar da habilidade com que nossos antecessores lidaram com certos temas, deixaram muito a ser dito em outros tantos, e que, por pouco que pudéssemos acrescentar ao seu trabalho, este pouco ainda seria suficiente para justificar nosso empreendimento. (ESTRABÃO, I. 2.1- 2022, p. 29).

O fato é que ele absorveu o que considerou importante considerar, e criticou fortemente o que julgava pertinente criticar, todavia, sem deixar, por vezes, de tecer elogios aos que criticava. Estrabão define os destinatários a quem a sua “Geografia” é escrita. “Em suma, o presente tratado deve ser dirigido a todos, tanto a políticos como a simples indivíduos, como explicamos em nossa análise histórica”. (ESTRABÃO, I. 1.22 - 2022, p. 27). E nela também definiu o que entendia por político, “Também ali utilizamos a qualificação de político para designar, ao contrário do analfabeto completo, aquele que percorreu todo o círculo de estudos que compõe o que se costuma chamar educação liberal e filosófica”. (ESTRABÃO, I. 1.22 - 2022, p. 27).

O conhecimento geográfico para Estrabão teve um caráter prático, tanto para a vida cotidiana, quanto para assuntos de natureza política, que envolve os governantes e os estrategistas. Há por parte do autor, ao longo do texto, uma preocupação constante com essa última. Para ele, em relação ao cotidiano: “O que dissemos [sobre a utilidade da Geografia] é verdade, mesmo em pequenas ações, como a caça, pois uma pessoa caçará melhor se conhecer o traçado e a extensão da floresta”. (I. 1.17 - 2022, p. 22). E também, “A Geografia, como já dissemos, preocupa-se acima de tudo com as ações e necessidades dos governantes”. (I. 1.18 - 2022, p. 23). Essa mesma Geografia que se dirige aos príncipes, também lhes serve como conhecimento para suas necessidades diárias. A despeito do cunho prático dado à Geografia, salienta: “Isto não impede que a Geografia possua também seu lado especulativo ou teórico - algo que seria equivocado desprezar, na medida em que toca a Técnica, a Matemática, a Filosofia Natural, a História e até a Mitologia”. (I. 1.19 - 2022, p. 24). Evidencia também que a moralidade e a filosofia política devem ser objetivos da regulação da conduta dos governantes.

Uma dos pontos, talvez mais importantes de Estrabão em sua “Geografia”, para além de vincular o conhecimento geográfico com a política, é também, um conhecimento geográfico que procurou situar o homem no espaço. De acordo com Ortega Valcárcel (2000), o geógrafo de Amásia formulou um explícito discurso que teve aceitação, no qual o espaço terrestre é como um tabuleiro; como um cenário dos feitos humanos. Na sua concepção relaciona conhecimento do espaço, lugares, territórios com as atividades políticas e de poder. Neste sentido evidenciou a implicação do conhecimento geográfico com o domínio do espaço.

Também, Estrabão dá à Geografia a sua autonomia, na medida em que esta passa a ter o seu próprio objeto e método, pois a Geografia deve, para este pensador, tratar da Terra habitada - o ecúmeno - como espaço dos homens, e não, da Terra como corpo celeste, pois, para ele, o geógrafo se compromete a descrever as partes conhecidas do mundo habitado. Assim, “es esta una temprana y vigorosa llamada a la consideración de la geografía humana y cultural, y en favor del estudio de aquellas partes de la tierra donde hay seres humanos que viven, haciendo uso de su medio”. (GLACKEN, 1996, p. 124).

Neste sentido também aponta Ortega Valcárcel (2000), que há o corte do cordão umbilical da Geografia que a mantinha sujeita às suas origens, supondo a proposta desvinculada dos métodos e dos enfoques da astronomia. Se pensarmos no método, os sucessivos livros da obra são uma descrição, e com ela, uma interpretação dos vários territórios que compunham o espaço conhecido do seu tempo. Desta maneira, o processo descritivo e de análise que foi utilizado pelo geógrafo, mostra esta prioridade na identificação e caracterização dos espaços territoriais.

Igualmente, Jones (2022, p. 122), diz: “A geografia de Estrabão é muito mais do que uma geografia. Trata-se de uma enciclopédia de informações sobre os diversos países do Mundo Habitado como se conhecia no início da era cristã; é uma geografia histórica; e, como Dubois e Tozer apontam, é também uma filosofia da geografia”. Portanto, ressaltamos a relevância e a necessidade do conhecimento deste pensador, e do estudo de sua obra, pelos estudantes de Geografia, a fim de compreenderem os fundamentos essenciais da estrutura do conhecimento geográfico advindo do mundo grego e romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar Estrabão e sua obra “Geografia”, com um propósito de caráter didático, é um desafio considerável. Essa tarefa é complicada por diversas razões, incluindo a dificuldade de acesso a essa extensa obra e a escassez de traduções disponíveis em português. Em nossas investigações encontramos, dos seus dezessete livros, apenas o livro primeiro e o terceiro em língua portuguesa. Igualmente, embora a produção internacional sobre o autor e sua obra nos parece ser rica, o acesso a elas também não é dos mais acessíveis. O que não foge a regra das grandes obras universais que ainda são de difícil acesso no Brasil. Na ciência geográfica brasileira pelas buscas que fizemos de autores para entrar na composição desse texto, percebemos - exceto pelas citações e menções sobre o mesmo - que não há muitas pesquisas desenvolvidas sobre este pensador, conseqüentemente não há muitos escritos sobre ele, o que não é o mesmo na História, cujos trabalhos encontrados se sobressaíram. Portanto, uma possibilidade para começarmos a conhecer melhor a vida e obra de Estrabão, são os estudos dos autores contemporâneos, que tem se dedicado ao estudo da Geografia na antiguidade através do geógrafo de Amásia e de sua obra.

Dito isto, ao finalizar o texto, algo nos pareceu certo afirmar, o fato de que a Geografia precisa conhecer mais e melhor os precursores de sua história, necessitando buscar no seu passado elementos radicais, para compreender melhor presente e o futuro da ciência que praticamos e ensinamos na contemporaneidade. Neste sentido, para refletirmos acerca da crítica da Geografia que se ensina, e da nossa práxis no ato de ensinar, vale salientar que “Nenhum campo do saber opera um salto qualitativo em seus fundamentos epistemológicos, se este salto não for o produto de um mergulho crítico em seus fundamentos históricos”. (MOREIRA, 2014, p. 162). E, continua o autor (p.162. Grifos nossos): “E o conhecimento dos envolvimento dos intérpretes com o tempo é um conhecimento de essência. Reconstituir projetos e posicionamentos pode ser a fonte do discurso novo que se faça necessário. Neles se tem o estado de consciência histórica da ciência”.

A Geografia necessita de mais geógrafos e geógrafas, que busquem pelas raízes do conhecimento geográfico. Daí há muito que se pesquisar sobre essa obra, o que as linhas gerais deste texto, de caráter de ensaio e apresentação restringem. Alguns pontos importantes de referência para as interpretações geográficas da obra do geógrafo de Amásia nos são dados pelo professor Churrua Arellano (2008, p. 289), quando ele diz:

En la obra de Estrabón, como en la de todo autor, hay una serie de concepciones que han de ser tenidas en cuenta en la interpretación de sus noticias. Dentro del marco de este estudio parecen particularmente importantes las siguientes: la idea que Estrabón tenía del mundo, mucho más reducida de la que tenemos actualmente; sus ideas etnográficas que naturalmente están en muchos puntos lejos de la precisión metodológica, conceptual y terminológica de la etnografía moderna; sus conceptos de civilización, barbarie y bandidaje; y, finalmente, la actitud de Estrabón ante el Imperio romano.

O contato com essa fonte, considerada um dos maiores escritos da antiguidade, deve, assim como o fazem os historiadores encher-nos - geógrafos e geógrafas - de curiosidade a cerca do pensamento geográfico, buscando o esclarecimento de como o conhecimento geográfico foi sendo tecido naquele tempo e espaço do mundo grego e romano, incluso para os fundamentos das tessituras das críticas que fazemos. A tarefa do despertar da consciência histórica geográfica, com esse texto está posta! Esperamos que sirva para que curiosidades geográficas sejam aguçadas.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ CRUZ, P. [Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2019]. Havana, 2019.
- AZEVEDO, A. O mundo antigo: expansão geográfica e evolução da geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- BORLINA, L. A. A Geografia de Estrabão entre a cultura e o poder. Dissertação (Mestrado em História) - Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2022.
- CHURRUCÁ ARELLANO, J. Fuentes de la Geografía de Estrabón. In: *Iura Vasconiae: revista de derecho histórico y autonómico de Vasconia*. Nº 5, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2965815>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.
- DE MARTONNE, E. Evolução da geografia. In: *Geografia física - Traité de Géographie Physique*. In: GODINHO, V.M.; MARTINS, A.F; SERRÃO, J. *Panorama da Geografia*. V. I. Lisboa: Edições Cosmos, 1953. p. 1-22. Tradução integral.
- DESERTO, J.; PEREIRA, S. H. M. Introdução. In: *Estrabão. Geografia - Livro III – introdução, tradução do Grego e notas*. Coimbra: Universidade de Coimbra - Annablume, 2016. Traduzido ao português. p. 13-31.
- DÍTMAR, A.; SOLOVIOV, A. I. Problemas de la historia de la geografía en el curso escolar. Moscú: Vneshtorgizdat, 1988.
- DUECK, Daniela. *Strabo of Amasia: a greek man of letters in Augustan Rome*. London: Routledge, 2000.
- ESTRABÃO. *Geografia - Livro I*. Curitiba: Antoniofontoura, 2022. Tradução de Antonio Fontoura.
- FROLOV, I. T. *Diccionario filosófico*. Moscú: Editorial Progreso, 1984.
- GLACKEN, C. J. Huellas en la playa de Rodas: naturaliza y cultura em el pensamiento occidental desde la antigüedad hasta finales del siglo XVIII. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Diccionario básico de filosofía*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Digitalizado por TupyKurumin.
- JONES, H. L. Estrabão e sua obra. In: *ESTRABÃO. Geografia - Livro I*. Curitiba: Antoniofontoura, 2022. Tradução de Antonio Fontoura. p. 113-123.
- MOLINA MARÍN, A. I. Geographica: ciencia del espacio y tradición narrativa de Homero a Cosmas Indicopleustes. In: *Antigüedad y Cristianismo: monografías históricas sobre la antigüedad tardía*. XXVII. Murcia: Universidad de Murcia, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/EDNILS~1/AppData/Local/Temp/387731-Texto%20del%20art%C3%ADculo-1298051-1-10-20190705-1.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2021.
- MONTEIRO, C. A. F. Apresentação à segunda edição. In: KIMBLE, G.H.T. *Geografia na Idade Média*. Londrina: Eduel, 2013. p. xv-xviii. (Tradução de CARVALHO, M.S. de).
- MOREIRA, R. O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.
- OLIVEIRA, A.U. Prefácio. In: SPOSITO, E.S. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 9-12.
- ORTEGA VALCÁRCEL, J. *Los horizontes de la geografía: teoría de la geografía*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2000.
- RODRÍGUEZ, F.; BARRIOS, I.; FUENTES, M. T. *Introducción a la metodología de la investigación histórica*. La Habana: Editora Política, 1984.

SILVA, B. S. Estrabão e as províncias da Gália e da Ibéria: um estudo sobre a Geografia e o império romano. Dissertação (Mestrado em História) - São Paulo: FFLCH - USP. 2013.

SILVA, G. A. Estrabão e o domínio romano sobre a Ibéria: um estudo à luz dos conceitos de Isotopia e Heterotopia (27 a.C. - 23 d.C.). Dissertação (Mestrado em História) - Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. 2021.

TOPOLSKI, J. Metodología de la historia. 3 ed. Madrid: Ediciones Cátedra S. A., 1992.